

O POTENCIAL EDUCATIVO DO RÁDIO – A EXPERIÊNCIA DO NCEP¹

The educative potential of the radio – the NCEP experience

El potencial educativo de la radio - la experiencia del NCEP

Luciana Panke²
Flávia Bazan Bespalhok³

RESUMO

O texto propõe uma reflexão teórica sobre o potencial educativo do rádio e relata a experiência desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), da Universidade Federal do Paraná. Procuramos, assim, relacionar a prática vivenciada pelo Núcleo com os aspectos teóricos sobre rádio e educomunicação.

Palavras-chave: rádio; educomunicação; Núcleo de Comunicação e Educação Popular.

ABSTRACT

The text considers a theoretical reflection on the educative potential of the radio and reports the experience developed by the Nucleus of Communication and Popular Education - NCEP, of the Federal University of Paraná. We look for, thus, to relate the practice experienced by the NCEP with theoretical aspects on radio and educommunication.

Keywords: radio; educommunication; NCEP.

RESUMEN

El texto propone una reflexión teórica sobre el potencial educativo de la radio y relata la experiencia desarrollada por el Núcleo de Comunicación y Educación Popular de la Universidad Federal do Paraná. Buscamos así, relacionar la práctica vivida por el NCEP con los aspectos teóricos sobre la radio y la educomunicación.

Palabras-clave: radio; educomunicación; Núcleo de Comunicación y Educación Popular.

¹ Colaboração Letícia Lara França e Tiago César Galvão de Andrade, estudantes de Comunicação Social e integrantes do Núcleo de Comunicação e Educação Popular, da Universidade Federal do Paraná.

² Doutora em Ciências da Comunicação; Professora da Universidade Federal do Paraná na graduação em Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do qual é vice-coordenadora. Diretora Sul da Sociedade Brasileira de Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político (Politicom) e coordenadora do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP). Pesquisadora de comunicação política, integra o grupo de pesquisa Mídia, Linguagem e Educação (Meduc). Contato: Rua Bom Jesus, 650, Curitiba/PR, (41) 33132032, panke@ufpr.br

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006) e graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (1987). Professora assistente da Universidade Federal do Paraná em regime de dedicação exclusiva. Contato: flabepa@gmail.com

O rádio chegou ao Brasil para uma demonstração pública durante as festividades do centenário da independência do país, em sete de setembro de 1922. No ano seguinte, Roquette Pinto inaugurava a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com um ideal:

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado (FERRARETTO, 2006, p. 4).

Esse pensamento demonstra bem com que vocação nasceu o rádio no país: educativa. Entretanto, a partir de 1931, quando da promulgação do primeiro documento relativo à radiodifusão sonora no Brasil (Decreto n.º 20.047, de maio de 1931, regulamentado pelo Decreto n.º 21.111, de 1º de março de 1932), regulariza-se a inserção de publicidade no veículo e isso promove profundas mudanças na programação radiofônica. De educativo e erudito, o veículo vai se transformando em massivo e de entretenimento.

Quando o rádio deixou de ser um meio de comunicação restrito e passou a atingir a massa, ainda pouco se sabia a respeito dessa mídia. A partir da noite de 30 de outubro de 1938, a sociedade e os pesquisadores passaram a dar mais atenção ao veículo. É que nessa noite, na rede americana de rádio Columbia Broadcasting System (CBS), aconteceu a célebre transmissão do radioteatro de Orson Welles “A guerra dos mundos”. A transmissão provocou pânico na população:

A CBS calculou na época que o programa foi ouvido por cerca de seis milhões de pessoas, das quais metade passaram a sintonizá-lo quando já havia começado, perdendo a introdução que informava tratar-se do radioteatro semanal. Pelo menos 1,2 milhão tomaram a dramatização como fato verídico, acreditando que estavam mesmo acompanhando uma reportagem extraordinária. E, desses, meio milhão tiveram certeza de que o perigo era iminente, entrando em pânico e agindo de forma a confirmar os fatos que estavam sendo narrados: sobrecarga de linhas telefônicas interrompendo realmente as comunicações, aglomeração nas ruas, congestionamentos etc (ORTRIWANO, 1998, p. 134).

O pânico se instalou porque Welles utilizou-se não somente da credibilidade que o veículo já havia conseguido até então, mas, principalmente, da exploração de características peculiares do meio, como a possibilidade de transmissão simultânea ao desenrolar dos fatos e a exploração do potencial da linguagem radiofônica, com o uso e abuso das narrações, músicas, sons e silêncio.

O rádio transmite sons e gera uma sensorialidade no ouvinte, que é uma das suas principais características, amplamente explorada por Welles em “A guerra dos mundos”. A sensorialidade envolve o ouvinte, fazendo-o criar imagens mentais. Infelizmente, essa potencialidade tem sido pouco utilizada, como bem diagnostica McLuhan quando diz que

A dimensão ressonadora do rádio tem passado despercebida aos roteiristas e redatores, com poucas exceções. A famosa emissão de Orson Welles sobre a invasão marciana não passou de uma pequena mostra do escopo todo-inclusivo e todo-envolvente da imagem auditiva do rádio (MCLUHAN, 1979, p. 337).

O rádio é um veículo que aciona, diretamente, apenas um de nossos sentidos: a audição. Entretanto, indiretamente, ao ativar a audição, desencadeia no ouvinte uma série de reações que acionam os outros sentidos, como diz Rodrigues (1996, p. 53): “A plasticidade dos sons da linguagem dá a ver, neste caso, a totalidade da realidade. O mecanismo utilizado para atingir este efeito é por isso a sinestesia entre o ouvido e o conjunto de sentidos pelos quais apreendemos a realidade”. McLuhan também discorre sobre a qualidade sinestésica do ouvido, ao compará-lo com o olho, e sobre como a audição afeta todos os sentidos:

Comparado ao olho neutro, o ouvido é hiperestésico. O ouvido é intolerante, fechado e exclusivo, enquanto o olho é aberto, neutro e associativo.[...] Quando se oferece apenas o som de uma peça de teatro, nós a preenchemos com todos os sentidos e não apenas com a visão da ação (MCLUHAN, 1979, p. 340).

Kaplún (1978, p. 61) é outro a destacar as características do ouvido que repercutem no rádio ao afirmar que “o ouvido é o sentido da comunicação humana por excelência, e no nível neurofisiológico, é o órgão mais sensível da esfera afetiva do ser humano”.

Com essas características proporcionadas pela sonoridade radiofônica, o veículo tem a capacidade de envolver as pessoas em profundidade e proporcionar intimidade. O rádio “fala” e, por isso, pode ser chamado de “uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana” (MCLUHAN, 1979, p. 340). Como o rádio “fala”, o receptor do veículo precisa apenas ouvir, sem necessidade de ter uma formação específica para isso. Essa característica transforma-o também em um “companheiro” de todas as horas desde o surgimento do transistor, quando a escuta passou de coletiva para individual: “O rádio afeta as pessoas, digamos, como

que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre escritor locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular” (MCLUHAN, 1979, p. 336-337).

O fato de ser uma escuta individualizada e de contar com alta definição na transmissão da informação dá ao rádio outra importante característica: os ouvintes podem dividir sua atenção com outros afazeres, como dirigir, trabalhar, ler, etc. “O rádio se adapta muito bem ao papel de ‘pano de fundo’ em qualquer ambiente, despertando a atenção quando a mensagem apresentada é de interesse mais específico do ouvinte” (ORTRIWANO, 1985, p. 81). É o que Ortiz e Marchamalo (2005) classificam de escuta ativa – quando o ouvinte seleciona o que quer ouvir e se concentra no conteúdo – ou passiva – quando o rádio é a companhia do ouvinte focado em outras ações.

Se comparado aos demais meios de comunicação, o rádio é o de menor custo tanto para quem produz quanto para quem escuta. Comparado às televisões e jornais, o custo de produção é menor, principalmente se for levado em conta o grande número de receptores atingidos, como afirma Ortriwano (1985, p. 80): “[...] esse custo de produção se dilui, tornando o rádio o meio de mais baixo custo de produção em relação ao público atingido”.

A possibilidade de alcance do público também deve ser levada em conta quando se fala das características do rádio. O veículo é o de maior poder de penetração geográfica. O rádio chega onde nenhum outro veículo pode chegar, seja por meio de ondas curtas ou médias. “O rádio é o mais abrangente dos meios, podendo chegar aos pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional” (ORTRIWANO, 1985, p. 79). Com todas essas características, o rádio produz uma mensagem de impacto, que, como diz McLuhan (1979, p. 338), “é uma mensagem de ressonância e de implosão unificada e violenta”.

Entretanto, ainda que o rádio brasileiro tenha se tornado predominantemente comercial, um laço foi estabelecido e vem se fortalecendo ao longo do tempo: rádio e educação podem ser parceiros. Partimos do pressuposto de que educação pode ser classificada em educação formal e informal. Por essência, o rádio é um veículo que proporciona informações e conteúdos que caracterizam a educação informal. A difusão de produtos culturais, em especial, possibilita a geração de novos hábitos de consumo e de comportamento. “La gente, em sus entornos locales, reelabora constantemente su propia identidad colectiva e individual al consumir elementos culturales que surgen de una variedad de niveles” (SERVAES, 2003, p. 153).

Ao tratar de educação popular é preciso antes de tudo levar em consideração que a educação em sentido amplo, ocorre em várias instâncias sociais, não somente na escola; assim sendo, a educação que tratamos vem atender o movimento informal da sociedade que ao se desenvolver constrói a sua maneira informal de educar e educar aos demais (KENYON, 2005, p. 3).

Se considerarmos a educação formal, proporcionada pela escola, por exemplo, o rádio passa a ser um aliado quando a instituição investe em duas frentes. A primeira refere-se à prática de ouvir criticamente os conteúdos. A escola, trazendo o rádio para sala de aula, pode estimular os estudantes a ouvir o conteúdo sob novos pontos de vista e também pode gerar debates sobre eles. A segunda, foco de nosso trabalho, diz respeito à implantação de rádios nas escolas com a participação ativa na produção de conteúdo, tanto por parte dos educandos quanto dos educadores. Conforme Freire, “nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção

e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 13). Veremos mais adiante que o processo de produção radiofônica vai muito além da técnica, e acaba por transformar os envolvidos.

Núcleo de Comunicação e Educação Popular – relato de caso

Desde 2003, o Núcleo de Comunicação e Educação Popular estimula a discussão sobre comunicação popular e assessora movimentos sociais a fim de promover a democratização dos meios de comunicação. O Núcleo é um programa de extensão da Universidade Federal do Paraná, vinculado ao Departamento de Comunicação Social, cuja criação partiu da iniciativa de um grupo de alunos, apoiados pela prof.^a Dr.^a Rosa Maria Dalla Costa. E, como salientam os idealizadores do NCEP, Moreira e Perreto (2004, p. 34), “em novembro do ano de 2002 alguns estudantes da Universidade Federal do Paraná já sentiam a necessidade de trocar experiências com os movimentos sociais populares”.

Inicialmente o grupo surgiu através de alunos ligados ao movimento estudantil, de certa forma, já conscientes e interessados em defender determinados posicionamentos políticos e ideológicos. No segundo ano de atuação, esses alunos decidiram abrir mão das três bolsas de extensão concedidas pela Pró-reitoria de Extensão em favor de alunos calouros. Isso atraiu alunos novos, que desconheciam essa militância política, mas que rapidamente se envolveram nas atividades do núcleo e permanecem nele até no primeiro semestre de 2005, embora a bolsa tenha sido encerrada em dezembro de 2004 (CARDOSO DALLA COSTA, 2005).

Da fundação até hoje, mais de 50 estudantes já atuaram: os bolsistas e, em maior quantidade nos últimos anos, os voluntários. Infelizmente, o número de bolsas ofertadas pela Universidade permaneceu praticamente o mesmo desde o início do projeto, enquanto a

demanda do NCEP ampliou-se. Até dezembro de 2007, o Núcleo contou com a coordenação da autora da proposta, Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, que se afastou em 2008 para cursar pós-doutoramento e, assim, naquele ano, a Prof.^a Dr.^a Luciana Panke assumiu a coordenação. Atualmente, permanece a mesma coordenadora, como vice-coordenadora está a prof.^a Rosa Maria e, como integrante orientadora, prof.^a Dr.^a Kelly Prudêncio, também do Departamento de Comunicação Social da UFPR.

Com o decorrer do tempo, o grupo delineou três linhas de trabalho: 1) educação para os meios de comunicação; 2) assessoria na produção de materiais de comunicação; 3) pesquisa na área de comunicação popular. O objetivo dos integrantes é interceder nas comunidades, tanto externa quanto interna, no sentido de aplicar os conhecimentos adquiridos na graduação e promover a democratização.

Na primeira linha, as ações contemplam atividades voltadas à comunidade externa: escolas públicas, alunos e professores; e também à comunidade interna e externa, com a promoção de eventos que visam a aproximar a temática dos demais alunos do curso e a produção de jornal mural no Decom. Podemos citar alguns exemplos, como o projeto “Cinema na escola para o professor”, desenvolvido em 2004, e o apoio na rádio na escola estadual São Pedro Apóstolo, em 2007 e 2008, e a consolidação da rádio na escola estadual Emiliano Perneta, em 2009, ambas em Curitiba.

Na segunda vertente, procuramos assessorar os movimentos sociais e populares no sentido de capacitar e cooperar na produção de conteúdos. Procuramos, assim, seguir o que dita Freire: “A assistência técnica, na qual se pratica a capacitação, para ser verdadeira, só pode realizar-se na práxis. Na ação e na reflexão. Na compreensão crítica das implicações da própria técnica.” (FREIRE, 1983, p. 62). Por exemplo, podemos citar a capacitação de estudantes do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a participação na rádio comunitária

de Itaperuçu, região metropolitana de Curitiba, em 2004, “O objetivo era o de discutir com tais alunos a questão da comunicação na sociedade e, ao mesmo tempo, capacitá-los para atuar na rádio comunitária recém criada”. (CARDOSO DALLA COSTA, 2005, p. 6). E, em 2008, a assessoria na formação do Núcleo de Comunicação dos Moradores da Ilha do Mel, vinculado à ONG Mater Natura, o curso ministrado em produtora popular de áudio no Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (Cefúria) e a produção de vídeos em parceria com a ONG Casa da Videira, no projeto “Nós na tela”.

Por fim, na área de pesquisa, buscamos produzir subsídios para a compreensão da área, bem como difundir o conhecimento construído pelo grupo no decorrer dos anos. Aqui, destacamos a cartilha sobre rádios comunitárias, elaborada em 2003, em conjunto com o Cefúria, e que ainda hoje é referência. Entretanto, o levantamento sobre as rádios comunitárias paranaenses foi intensificado a partir do II Encontro Paranaense de Rádios Comunitárias, realizado em 2008 na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no qual o NCEP ministrou duas oficinas. O contato com os participantes das rádios gerou aproximação e novas formas de observar a estruturação da radiodifusão comunitária.

A metodologia adotada no NCEP segue os princípios de Freire (1983; 1987; 1996) e Peruzzo (1998) no que se refere à prática conjunta do saber. Procuramos nos distanciar do que Freire denomina de “visão bancária da educação, na qual “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 1987, p. 33). Por isso, a participação dos bolsistas, professores e integrantes das entidades parceiras nas tomadas de decisão é fundamental.

Assim é que, enquanto prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. A primeira

pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 1987, p. 40).

A discussão de ideias ultrapassou os marcos teóricos para investir com mais intensidade na práxis. A experimentação nas atividades desenvolvidas com os parceiros, como as ONGs, as rádios comunitárias, e com as escolas estaduais propiciou a todos do NCEP uma real vivência do que é a comunicação popular. “Eu percebi que as comunidades não são desprovidas de senso crítico, mas pelo contrário, elas possuem uma capacidade de perceber melhor do que ninguém quais são suas dificuldades”⁴.

As atividades estão me auxiliando muito em ter uma formação consistente e ser um futuro profissional da área de Comunicação preparado para o mercado. Por exemplo, o auxílio a entidades não governamentais, realizando projetos em comunidades periféricas de Curitiba, ou mesmo fora da cidade, como a Ilha do Mel, colocou-me em contato com realidades sociais e culturas diferentes da minha⁵.

Rádio e educação – a experiência em duas escolas

Especificamente sobre rádio, as ações do NCEP compreendem três formas: uma é a pesquisa teórica, e as outras duas são práticas – uma voltada para a radiodifusão comunitária e outra para rádios nas escolas. Os projetos voltados para as rádios comunitárias até hoje desenvolvidos foram: apoio na criação da rádio

comunitária de Itaperuçu, realização de oficinas de formação a integrantes de radcoms, oferta de oficinas à comunidade da Ilha do Mel que pretendia criar a própria rádio e a participação nas atividades na Rádio Comunitária de São José dos Pinhais, também na região metropolitana de Curitiba. Podemos destacar, também, a oficina ofertada durante o Festival de Inverno da UFPR, denominada Radiocaranguejinho. Na ocasião, ministramos uma semana de rádio a crianças entre 8 e 14 anos que produziram programetes diariamente.

Já a presença do NCEP nas escolas é o que passamos a focar. O núcleo contribuiu para a implementação e capacitação das rádios nas escolas estaduais São Pedro Apóstolo e Emiliano Pernetá, ambas em Curitiba. Na primeira escola, as ações foram desenvolvidas em conjunto com a equipe do Cefúria, liderada pelo ex-integrante do NCEP e idealizador da proposta, Anderson Moreira. Oficinas de voz, edição e texto estavam no conteúdo trabalhado com os estudantes. Os encontros eram realizados por integrantes do NCEP e do Cefúria. Lá, a produção dos estudantes era veiculada periodicamente nos intervalos das aulas.

A estudante de Publicidade e Propaganda Gabriela Mateos, ao se referir às ações na rádio-escola São Pedro Apóstolo, comentou:

A maior dificuldade é fazer parte da comunidade. Porque enquanto você é um “estranho” no grupo fica difícil. As pessoas te olham torto e não aceitam a sua presença. Mas quando entendem o que você está fazendo ali, e que só quer realmente ajudar, e fazer parte do grupo, as coisas começam a andar melhor. Leva um tempo até aprender a “falar a língua” da comunidade. Mas, quando você consegue, é fantástico!⁶

⁴ Letícia Lara França, bolsista do NCEP em 2009 e estudante de Jornalismo, em relato para este artigo.

⁵ Tiago de Lucca Pizzolo, integrante do NCEP desde 2008, em entrevista concedida a Letícia Lara França, em novembro de 2009, para a realização deste artigo.

⁶ Gabriela Cristina de Souza Alvarez Mateos, bolsista do NCEP em 2008, em entrevista concedida a Letícia Lara França, em novembro de 2009, para a realização deste artigo.

Na Escola Emiliano Pernet, as atividades começaram em 2009. Primeiramente foram desenvolvidas oficinas com os conteúdos: linguagem radiofônica, locução, roteiro e critérios de notícia. Contudo, a produção em si apenas ocorreu no final do ano, por falta de equipamentos adequados na escola (computador e software de áudio). No local, apenas o Núcleo participou da implementação, o que gerou certa sobrecarga aos participantes, que sentiram falta da presença dos professores e da direção.

Nilton Kleina, voluntário no projeto de implantação dessa rádio, ponderou que uma das dificuldades foi o contato com os professores durante a realização das oficinas de capacitação para alunos.

Por serem crianças e por estarem na oficina de rádio (assim como nas outras) por obrigação extracurricular, há grave problema de disciplina. O contato com os professores começou quase nulo, mas com o tempo a comunicação foi aumentando. Ainda assim, sentimos problemas de organização até o final das oficinas⁷.

Outra voluntária na escola, Patrícia Herman, reforçou que “muitos alunos, mesmo os dedicados, tinham um comportamento agressivo durante as aulas e nos intervalos”⁸. Apesar dessas dificuldades, outra integrante do projeto na mesma escola, relatou que “a escola descobriu a função de uma rádio, como meio de expressão e de cidadania”⁹. Nesse sentido, ela contou que um dos problemas do bairro onde a escola está localizada é o grande número de animais abandonados nas ruas.

Informações sobre como denunciar abusos e como adotar um animal foram veiculadas, além de uma pesquisa de opinião. Foi possível perceber que os alunos da oficina tinham consciência do problema e que desejavam mostrá-lo às outras. Os alunos se empolgaram tanto que fizeram até um rap. Através do rádio conseguiram se expressar, fazer a comunidade ter noção do problema e ainda mostraram uma solução para este¹⁰.

O depoimento da estudante ilustra a fala de Freire: “a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital.” (FREIRE, 1996, p. 15). Fica evidente que, ao se aproximar e despertar a curiosidade, aumenta a participação ativa dos estudantes. Os bolsistas passaram, assim, a estimular uma característica básica do jovem: a inquietação e o desejo de mudar o mundo.

Eles observaram, também, como resultados da implantação da rádio na escola, a melhoria no desempenho comunicativo geral dos envolvidos e o aumento da autoestima dos estudantes.

Apesar das dificuldades, as crianças progrediram durante o processo. Com a locução, melhoraram a leitura. Com os roteiros, aprenderam a ser mais concisos. Aprenderam também a ser mais responsáveis. E parecem ter percebido que devem questionar, aceitar a opinião dos outros e exigir o direito delas¹¹.

⁷ Nilton César Monastier Kleina, estudante de Jornalismo e voluntário do NCEP em 2009, em entrevista concedida a Letícia Lara França, em novembro de 2009, para a realização deste artigo.

⁸ Patrícia Herman, estudante de Jornalismo e voluntária do NCEP em 2009, em entrevista concedida a Letícia Lara França, em novembro de 2009, para a realização deste artigo.

⁹ Olívia Baldissera de Souza, estudante de Jornalismo e voluntária do NCEP em 2009, em entrevista concedida a Letícia Lara França, em novembro de 2009, para a realização deste artigo.

¹⁰ Idem nota anterior.

¹¹ Idem nota anterior.

O voluntário Nilton Kleina também observou que surgiu, entre as crianças, uma “preocupação maior com os meios de comunicação¹²”. Mateos ressaltou, ainda, os resultados após a participação dos integrantes da rádio da Escola Estadual São Pedro Apóstolo, em um evento promovido pelo NCEP no Decom, em 2008: “a realização do evento que trouxe os alunos da rádio escola para a Universidade, para mim, foi o ápice. Eles se sentiram valorizados com o reconhecimento do trabalho que fizeram, e se sentiram estimulados a ingressar em um curso superior”¹³.

Considerações finais

Ao considerarmos as características da rádio, relacionando com as concepções de educação freirianas que adotamos, podemos inferir que, a partir do momento que educador e educando estão em processos dialógicos, a produção de conhecimento com o apoio do rádio será eficaz. Rádio na escola, em especial, pode possibilitar o desenvolvimento da autoestima dos estudantes a partir do momento em que se sentem valorizados e participativos.

A rádio na escola também é fator de integração entre os estudantes, que durante os intervalos de aula se reuniam para escutar as produções. Além disso, o veículo propicia, literalmente, que o estudante tenha voz e seja

ouvido. Estimular esta característica, ouvindo o que o jovem tem a dizer e, a partir disso, explorar os conteúdos sugeridos, é um desafio aos organizadores e aos professores. É um momento, sem dúvida, de aproximação e, de certa forma, de libertação entre os papéis de quem sabe e de quem aprende.

Pudemos observar nas oficinas ministradas, tanto nas escolas quanto em outros locais, que quanto mais se compartilha saberes entre oficinheiros e estudantes, mais os resultados são positivos para ambos. Resultados que podemos destacar como melhora na autoestima, na capacidade de integração e de ouvir o outro.

A parte técnica de produção radiofônica é um dos momentos que instigam a curiosidade dos participantes, tanto pela tecnologia adotada quanto pelo poder de falar e ser ouvido. É nesse momento, em geral, que os participantes, inicialmente, se intimidam, mas depois que algum deles se arrisca a dar opinião e a ouvir a própria voz, os outros também se aproximam. As produções são uma grande conquista para os estudantes, pois eles participam de todo o processo decisório, ficando com os orientadores o papel de mostrar os caminhos possíveis.

Produzir uma rádio na escola ou em ambientes similares é um investimento relativamente baixo, bastando, a princípio, ter um computador, software adequado, microfone e gravadores. O principal é a vontade de oferecer uma ferramenta que estimula a criticidade e abre possibilidades tanto aos orientadores quanto aos estudantes.

¹² Nilton César Monastier Kleina, estudante de Jornalismo e voluntário do NCEP em 2009, em entrevista concedida a Letícia Lara França, em novembro, de 2009 para a realização deste artigo.

¹³ Gabriela Cristina de Souza Alvarez Mateos, bolsista do NCEP em 2008, em entrevista concedida a Letícia Lara França, em novembro de 2009, para a realização deste artigo.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO DALLA COSTA, Rosa Maria. Núcleo de comunicação e educação popular: a educação para os meios através da extensão universitária. In: Colóquio Internacional de Estudos sobre a América Latina de Comunicação, 8, 2005. *Anais...* 2005. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/1d/GT10_-_011.pdf>.
- _____. *Atividades de extensão nos cursos de jornalismo de Curitiba: a busca do exercício profissional e de cidadania*. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/grupos.php?det=88>>.
- FERRARETTO, Luíz Artur. Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio: ainda estamos no início do começo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília. *Anais...* Brasília, 2006. CD-ROM.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da autonomia*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- KAPLÚN, Mário. *Produccion de programas de radio: el guion, la realizacion*. Quito: Ciespal, 1978.
- KENYON, Natália de L. Bueno. Comunicação & educação popular: elo teórico-prático de tecnologia social na educação de jovens e adultos. In: Colóquio Internacional de Estudos sobre a América Latina de Comunicação, 8, 2005. *Anais...* 2005. Disponível em <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/ac/GT10_-_001.pdf>.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MOREIRA, Anderson Luiz; PERRETO, Tiago Vieira. *Projeto de comunicação para o Núcleo de Comunicação e Educação Popular da UFPR*. 2004. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- NOVAES, Carlos Eduardo; LOBO, César. *Cidadania para principiantes*. A história dos direitos do homem. São Paulo: Ática, 2004.
- ORTIZ, Miguel Ângelo; MARCHAMALO, Jesús. *Técnicas de comunicação pelo rádio – a prática radiofônica*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ORTRIWANO, Gisela S. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. Ok, marcianos: vocês venceram! In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Rádio e pânico: a guerra dos mundos, 60 anos depois*. Florianópolis: Insular, 1998. p. 133-153.
- PERUZZO, Cíclia. *Comunicação nos movimentos populares*. São Paulo: Vozes, 1998.
- RODRIGUES, Adriano D. A linguagem da rádio. In: GOMES, Adelino *et al.* *Colóquios sobre rádio*. Lisboa: Dom Quixote, 1996. p. 53-56.
- SERVAES, Jan. Globalización o localización hacia un espacio de identidad cultural. In: PERUZZO, Cíclia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira. (Orgs.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo: Intercom; Salvador: Uneb, 2003.

Texto recebido em 22 de setembro de 2009.
 Texto aprovado em 23 de fevereiro de 2010.